

DA IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS PARA A ANÁLISE LITERÁRIA

Eliana Izabel SCURCIATTO¹

RESUMO

Este artigo pretende mostrar a importância dos estudos lingüísticos para a análise de textos literários, o que nos leva a considerar como falsa a separação entre os estudos da linguagem ou da língua e os estudos da literatura. Para isso, utilizaremos a análise dos procedimentos argumentativos do ponto de vista da Nova Retórica como parte da análise dos diálogos amorosos entre Aurélia e Seixas em *Senhora de José de Alencar*.

Palavras-chave: Lingüística. Literatura. Argumentação. Diálogo. Amor.

ABSTRACT

This article aims to show the importance of linguistics studies for the analysis of literary texts which leads us to consider as a false separation among language and literature studies. For this, we use the analysis of argumentative procedures from the point of view of the New Rhetoric as a part of analysis of love dialogues between Aurélia and Seixas in *Senhora* by José de Alencar.

Keywords: Linguistics. Literature. Argumentation. Dialogue. Love.

INTRODUÇÃO

Para tratar da importância dos estudos lingüísticos para a análise de textos literários, partimos da afirmação de que a literatura, como forma privilegiada de expressão, ou melhor, como a manifestação de um gênero que parece abarcar todos os demais, não pode ser estudada sem que se considere a língua, pois passa necessariamente por esta, mobilizando as diversas funções que possa apresentar.

Assim, o profissional de Letras, que antes de tudo é um estudioso da linguagem, não deve segmentar seus conhecimentos e interesses, já que poderia ser reducionista uma análise literária que não levasse em conta a elaboração, no nível da língua, de

um texto literário, pois quem trabalha com a literatura e quem desfruta do prazer que ela proporciona está, conseqüentemente, envolvido pela malhas da língua.

Podemos observar nos diversos cursos de Letras a tendência para um dos dois pólos que se estabelecem como dicotômicos: língua ou literatura. O que se verifica na conformação das matrizes curriculares desses cursos que ora privilegiam os estudos lingüísticos, ora, os estudos literários. Percebemos que, entre os acadêmicos de Letras, essa separação também ocorre muitas vezes: de um lado estão os que gostam de língua, mas não de literatura e, de outro lado, os amantes da literatura, mas que não gostam de estudar a língua. Como se fossem disciplinas estanques que pudessem ser dissociadas seja num trabalho científico ou acadêmico, seja num momento de leitura prazerosa.

Importante é reconhecer que:

[...] novas formas de compreensão da linguagem vêm integrar literatura e língua, não pelo guarda-chuva dessa dicotomia, mas por uma idéia de linguagem que abriga não apenas o reconhecimento e a valorização da variação lingüística, mas especialmente a sua abordagem a partir das categorias de texto, incluindo o verbal e o não verbal, o literário e o não literário, a norma culta e as demais normas, socorrendo-se de noções advindas dos estudos lingüísticos e literários, compreendidos entre as teorias poéticas, as teorias literárias, as teorias lingüísticas e as várias tendências da análise do texto e do discurso que, sem desprezar a materialidade lingüística, muito ao contrário, centrando-se nos estudos sobre ela, acolhem o estudo da produção de sentidos a partir de uma noção mais ampla de texto e de discurso. (BRAIT, 2000, p.197)

Sendo assim, entendemos que o profissional de Letras deve compreender profundamente a língua e suas variações para que possa conhecer também a literatura e reconhecê-la como uma das formas de expressão dessa língua. Deverá ainda ser conhecedor das teorias da linguagem para que possa adentrar os textos, buscando uma integração da materialidade lingüística da qual se constituem com as condições de produção, as formas de circulação e recepção desses textos num determinado momento histórico.

A opção pelo texto literário, como *corpus* para uma análise lingüístico-discursiva, pode ser resumida nas palavras de Leyla Perrone-Moisés (1998) em relação à história da literatura, mas que admitimos

¹ Doutora em Letras – Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e Professora Titular das Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul – SP (FUNEC)

como justificativa para tal opção, ao parafraseá-la relacionando a literatura e os estudos lingüísticos, na medida em que se considerem as relações entre os textos literários e as condições de produção de seu discurso:

Se nós acreditamos que a literatura tem a alta utilidade de esclarecer, alargar e valorizar nossa experiência do mundo, admitiremos que a história do conjunto de suas relações maximiza o proveito que podemos tirar do contato com cada realização particular. E se a fruição da literatura, no seu mais alto sentido de conhecimento e valorização da experiência humana, é o nosso objetivo, seremos levados a defender um certo tipo de história literária: aquele que otimiza a fruição das obras (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 21-2).

Para tal empreendimento, verificaremos os procedimentos argumentativos utilizados nos diálogos amorosos entre Aurélia e Seixas, no romance *Senhora* de José de Alencar, sob o ponto de vista da Nova Retórica de Perelman&Olbrechts-Tyteca, ao mesmo tempo em que analisaremos os efeitos de sentido produzidos entre esses interlocutores. Então, a construção retórico-argumentativa do discurso amoroso é parte fundamental na constituição do discurso como efeito de sentido, interessando a partir do momento em que passa a integrar o discurso criando sentidos entre os sujeitos.

Na construção da argumentação nos diálogos amorosos, não são somente os argumentos lógicos que falam à razão, que têm função de convencimento, mas também, as figuras de linguagem, que falam diretamente à emoção e levam à persuasão do interlocutor. As figuras serão aqui tratadas como efeitos de sentido do discurso, que podem funcionar, às vezes, como elementos de reprodução de estereótipos, do senso-comum; ou como elementos de ruptura ou “maravilhamento”².

Ao tratar da retórica dos diálogos amorosos, interessa-nos de perto a questão das escolhas que o sujeito produtor do discurso opera para suas finalidades de convencimento e persuasão.

Quando a Análise do Discurso francesa de Pêcheux se posiciona em relação ao estatuto do sujeito dentro da teoria do discurso, encarando esse

sujeito como “assujeitado”, isto significa dizer que “O indivíduo não fala o que quer, mas o que as formações discursivas querem que ele fale. Ele não fala, mas é falado por um discurso” (FIORIN, 1988, p.16).

Quando se trata do discurso amoroso, podemos nos colocar contra a idéia de um sujeito *totalmente* assujeitado às formações discursivas a que pertence, adotando a idéia de Possenti (1993) de que o sujeito não pode ser definido unicamente como uma ilusão ou como um sujeito assujeitado.

Não queremos, com isso, dizer que o sujeito é dono de seu próprio discurso. Adotamos o mesmo ponto de vista da AD de que o sujeito não é o único responsável pelos fenômenos discursivos, visto encontrar-se inserido numa formação discursiva, que por sua vez, pertence a uma formação ideológica. Porém, no discurso amoroso, esse total assujeitamento é discutível por constituir-se em “um lugar extremamente favorável para a observação de certos processos de significação que remetem diretamente à ordem do sujeito, à de sua singularidade. Processos que trabalham os **modos de individualização** do sujeito.” (ORLANDI, 1990, p. 84). O discurso de amor é um espaço privilegiado da subjetividade.

Passemos, então, à análise de um dos diálogos entre as personagens principais de *Senhora*. O diálogo seguinte retrata uma cena de ciúme de Aurélia ao ver Adelaide enlaçada ao braço de Seixas no salão do Teatro Lírico onde estavam assistindo à uma ópera os dois casais: Aurélia e Seixas e Adelaide e Ribeiro. Aurélia convida o marido a se retirarem com o pretexto de ir à casa de sua madrinha e começam a conversar quando este percebe, dentro do carro, que a moça havia mentido.

-Não vai à casa de sua madrinha?

A resposta foi breve e seca:

-Não; já é tarde.

[...]

-O que é o ciúme? disse de repente sem olhar o marido, e com um tom incisivo.

[...]

-Exige uma definição fisiológica, ou a pergunta é apenas mote para conversa?

-Acredita na fisiologia do coração? Não lhe parece um disparate esta ciência pretensiosa que se mete a explicar e definir o incompreensível, aquilo que não entende o próprio que o sente, e que sente-se, sem ter muitas vezes a consciência desse fenômeno moral? Só há um fisiologista, mas esse não define, julga. É Deus, que formando sua criatura do limo da terra, como ensina a escritura, deixou-lhe ao lado esquerdo, por amassar, uma porção

² O conceito de *maravilhamento* é aqui tomado dos formalistas russos, com o sentido de *desfamiliarização*, de tornar estranho, de desarranjar as formas habituais.

do caos de que a tirou. Quanto ao ciúme, todos nós sabemos mais ou menos a significação da palavra. O que eu desejava era saber sua opinião sobre este ponto: se o ciúme é produzido pelo amor?

-Assim pensam geralmente.

-E o senhor?

-Como nunca o senti, não posso ter opinião minha.

-Pois tenho-a eu, por experiência. O ciúme não nasce do amor e sim do orgulho. O que dói neste sentimento, creia-me, não é a privação do prazer que outrem goza, quando também nós podemos gozá-lo e mais. É unicamente o desgosto de ver o rival possuir um bem que nos pertence ou cobizamos, ao qual nos julgamos com direito exclusivo, e em que não admitimos partilha. Há mais ardente ciúme do que o do avaro por seu ouro, do ministro por sua pasta, do ambicioso por sua glória? Pode-se ter ciúme de um amigo, como de um traste de estimação, ou de um animal favorito. Eu quando era criança tinha-o de minhas bonecas.

[...]

-Um exemplo. Há pouco, no teatro, quando vi o modo por que a Adelaide Ribeiro lhe dava o braço, tive ciúmes do senhor. Entretanto eu não o amo, bem sabe, e não o posso amar!

-Esta prova é decisiva. E a senhora não acredita na fisiologia? Quer melhor definição? O ciúme é o zelo do senhor pela coisa que lhe pertence.

-Ou pessoa! acrescentou Aurélia com maldade.

-Pela coisa que lhe pertence insistiu Seixas; seja essa animada ou inanimada.

-Temos ainda outra prova em favor de minha opinião. O senhor que amou tanto e tantas vezes, nunca teve ciúmes, há pouco me confessou.

-E como o ciúme é o sintoma do orgulho, ou em outros termos, da dignidade, a consequência...

-É lógica; mas eu a dispense. Preferia que o senhor me recitasse alguma de suas poesias. Por exemplo – *O Capricho*. (p. 189-91)

Quando Aurélia questiona Seixas sobre o que é o ciúme, este pede que ela esclareça o tipo de definição que lhe convém, perguntando-lhe se ela exige que seja uma definição fisiológica, ou seja, se ele deve dar uma Definição Normativa do que é o ciúme.

Ela, por sua vez, faz-lhe outra pergunta arditosa *Acredita na fisiologia do coração?*, à qual ela mesma responde negativamente dizendo que a ciência não pode explicar a emoção, pois nem mesmo quem sente pode defini-la. Aurélia, assim, parte do senso comum de que o ciúme é um sentimento irracional, inexplicável pela razão, é um *fenômeno moral*. Ela se utiliza da Metáfora de que *Deus é um fisiologista* capaz de julgar, mas que ainda assim, não define o ciúme, e que este fisiologista *formando sua criatura do limo da terra, como ensina a escritura, deixou-lhe ao lado esquerdo, por amassar, uma porção do caos de que a tirou*. Esta Metáfora serve para caracterizar as emoções (*lado esquerdo*) como algo que não pode ser sistematizado, racionalizado (*uma porção do caos*).

Aurélia formula novamente a sua pergunta: *O que eu desejava era saber sua opinião sobre este ponto: se o ciúme é produzido pelo amor?*

Seixas responde fundamentando-se na opinião do senso comum *Assim pensam geralmente*. A impessoalidade de sua afirmação decorre do uso da terceira pessoa do plural que reflete a voz dos outros, grupo do qual ele se exclui por afirmar explicitamente nunca haver experimentado tal sentimento *Como nunca o senti, não posso ter opinião própria*.

Aurélia, por sua vez, trata de definir o ciúme na fala que vai de *Pois tenho-a eu... até ...de minhas bonecas* por meio de uma definição expressiva em que prevalece seu ponto de vista em relação ao que define. Na definição tecida por ela, o ciúme é um sentimento de posse que se tem tanto para com as pessoas quanto para com os objetos, o que se constitui num subentendido de que Seixas tem para ela o valor de um objeto precioso. E ainda, não associa o ciúme ao amor quando afirma *Entretanto eu não o amo*. Segundo Gikovate (1996, p.102):

o ciúme não é emoção inerente ao amor e que está ligado, mesmo, às nossas inseguranças [...] De todo o modo, fica sem valor a idéia de que o ciúme é prova de amor. O egoísta não ama e é extremamente ciumento, pois teme a ruptura da relação por outras razões que não as sentimentais.

Neste caso, Aurélia faz questão de deixar claro que o ciúme que sente pelo marido não decorre do sentimento do amor, mas sim do sentimento de posse que tem pelo *objeto* adquirido.

Seixas responde com o argumento da incompatibilidade entre a incredulidade na fisiologia e a definição que a mulher dá de ciúme: *Esta prova é decisiva. E a senhora não acredita em fisiologia? Quer melhor definição?*. Então, ele mesmo dá sua definição normativa de ciúme dentro do contexto da discussão: *O ciúme é o zelo do senhor pela coisa que lhe pertence*.

Greimas e Fontanille (1993), ao elaborarem uma semiótica das paixões, afirmam que apesar de o zelo e o ciúme serem paixões que possuem como semema comum o “apego intenso”, o zelo é moralizado positivamente, enquanto o ciúme recebe uma carga de valor negativo. Segundo eles, os gregos associavam o zelo à rivalidade, enquanto nós pensamos que eles se distinguem, por isso, não entendemos o zelo também como uma emoção

negativa como o ciúme que, para nós, mistura-se à rivalidade.

Roland Barthes (2000, p. 79), por sua vez, associa ciúme a zelo em uma definição que ele diz ser etimológica: “o ciúme é frio, é burguês: é uma agitação indigna, um zelo – (e é esse zelo que recusamos)”. O ciúme ganha aqui uma conotação de ordem ideológica, pois ao se afirmar que o ciúme é burguês, faz-se uma associação dessa emoção a uma determinada classe social, que o senso comum entende por relação ao acúmulo de capital, o que nos remete à idéia de posse a que Seixas alude em sua fala.

Aurélia corrige ironicamente Seixas em *Ou pessoa!* utilizando o lugar da pessoa, porém, para desvalorizar esta em relação à coisa, mostrando que o dinheiro também compra as pessoas.

Ele esclarece que o objeto de posse pode ser uma coisa animada ou inanimada, fazendo uma analogia entre esses seres.

Aurélia utiliza o lugar da quantidade para persuadir o marido a favor de sua tese: *O senhor que amou tanto e tantas vezes, nunca teve ciúmes, há pouco me confessou.*

Ele utiliza o argumento pragmático em *E como o ciúme é o sintoma do orgulho, ou em outros termos, da dignidade, a conseqüência...*, assim, o ciúme é conseqüência do orgulho e as reticências são as marcas de que a fala não se completou e é Aurélia que completa a frase: *É lógica; mas eu a dispensei.* Em seguida, fingindo mudar de assunto faz uma analogia entre o ciúme e o capricho.

Tentamos, com uma amostra de análise, aplicar os estudos retórico-discursivos ao texto literário, procurando colaborar com o trabalho do professor em sala de aula com esse gênero discursivo.

Na busca de refletir sobre em que medida os estudos da língua são importantes para os estudos literários, encontramos em Compagnon (1999) a resposta a esta questão quando distingue *teoria da literatura* de *teoria literária*, afirmando que a teoria literária apresenta-se como uma crítica da ideologia, ou seja, da ilusão de que é possível manter-se fora da teoria, quando na verdade está-se inserido na teoria dominante e, depois, quando se identifica com o formalismo, representado pelos formalistas russos do começo do século XX, influenciados pelo marxismo, ao perceber que todos os textos literários não poderiam ser abordados sem que se considerem os elementos lingüísticos e que o objeto de discussão para o estudo da literatura deve deixar de ser o

sentido e o valor, mas a produção desse sentido e desse valor.

Segundo o autor, “Essas duas descrições da teoria literária (crítica da ideologia, análise lingüística) se fortalecem mutuamente, pois a crítica da ideologia é uma denúncia da ilusão lingüística (da idéia de que a língua e a literatura são evidentes em si mesmas): a teoria literária expõe o código e a convenção ali onde a teoria postulava a natureza” (p. 24).

Assumimos aqui, com Brait (2000), que a separação ente o lingüístico e o literário se constitui em uma falsa dicotomia, pois, sendo a literatura uma das maneiras possíveis de se explorar e utilizar a língua em diferentes momentos históricos, as teorias lingüísticas em conjunto com as teorias literárias só têm a contribuir no apontamento das marcas das relações entre os discursos e seus contextos sócio-históricos.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **Senhora**. São Paulo: FTD, 1999.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.

BRAIT, Beth. “Língua e literatura: uma falsa dicotomia”. In: **Revista**: da ANPOLL. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, vol. 8, 2000.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 1999.

FIORIN, José Luiz. **O regime de 1964: discurso e ideologia**. São Paulo: Atual, 1988.

GIKOVATE, Flávio. **Uma nova visão do amor**. São Paulo: MG Editores Associados, 1996.

GREIMAS, Algirdas J.; FONTANILLE, Jacques. **Semiótica das paixões**. São Paulo: Ática, 1993.

ORLANDI, Eni P. “Palavra de amor”. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas, SP: UNICAMP, (19): jul./dez., 1990.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos.** São Paulo: Cia das Letras, 1998.

POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SCURCIATTO-FERNANDES, Eliana. **A retórica dos diálogos amorosos em romances brasileiros dos séculos XIX e XX.** Tese (Doutorado) - UNESP/FCL-Car. Inédita, 2003.